

Descimento da cruz — Cópia de um quadro de Rubens

Prostremo-nos diante d'este lábaro eterno. A cruz hasteada sobre a montanha dos soffrimentos é a arvore de cujos ramos viridentes pendem sempre os fructos do bem e da vida, os pomos da redempção humana. Caíram as velhas instituições, aluiram-se as barbaras leis, dissiparam-se as trevas, desmoitaram-se as brenhas, o espirito rompeu o involucro, as lagrimas deixaram de ser estereis; bemaventurados os que choram!

O mundo solemnisa hoje o maior de todos os factos. Em frente d'este mysterio augusto, a razão vacilla e o coração eleva-se. A toga dos philosophos, roçando

a terra, havia feito levantar em nuvens esse pó ennovelado e revolto de contestações e argucias; o homem tenteava a escuridão, e caminhava até ao resvaladeiro, estendendo a vista pelos horisontes. Nem um vislumbre de claridade, nem um arraiar de crepusculo. No throno do mundo sentava-se a ambição e a crapula; o oiro fizera connubio com o lodo; celebravam-se os esponsaes horriveis da impudencia com a miseria. Foi então que appareceu o Justo. Haviam-n'o annunciado os prophetas; o vidente da austeridade, o severo Isaias, levantando a fronte calva e macerada, exclamára n'um dos seus arrebatamentos: *Parvulus est natus nobis, et filius datus est nobis: et erit principatus super humerum ejus.*

Estava o Christo entre nós; o obreiro da caridade e do amor lidava intemerato e sublime; o semeador evangelico deitava á terra o pão do espirito. Que Deus e que Homem! O sorriso pairava-lhe nos labios immaculados, e o alvor de uma aurora desconhecida circundava-lhe a fronte. As aves do ceo tinham os seus ninhos, as feras os seus antros; elle não tinha onde reclinar a cabeça, porque lhe cumpria erguel-a desanuviada e irradiante como o sol, e, como elle, desfazer as brumas do mal que se conglobavam.

Passou pelo mundo, e o mundo não o conheceu; quando viu que a palavra, caída como semente benefica, havia de germinar, crescer, fortificar-se, enfolhar, florir e desatar-se em alimento de todos, tomou em peso a cruz com a mansidão do cordeiro, e caminhou para o Calvario. *Ibi crucifixerunt eum.* Ahi o crucificaram.

Consummára-se a redempção social; a terra, como um lavacro, recebia em torrentes o sangue do Justo: a humanidade tinha o seu baptismo, a sua emancipação; o seu progresso. Oiçamos o evangelista:

«E vinda a hora sexta, foram feitas trevas sobre toda a terra até á hora nona.

«E á hora nona exclamou Jesus com grande voz, dizendo: *Eloi, Eloi, Lamma Sabachthani:* que, declarado, quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

«E ouvindo-o uns dos que alli estavam, diziam: Eis que a Elias chama.

«E correu um, e encheu de vinagre uma esponja, e pondo-a n'uma canna, deu-lhe de beber, dizendo: Deixae. Vejamos se virá Elias a tiral-o.

«Mas Jesus, dando uma grande voz, expirou.

«Então o véo do templo se rasgou em dois de alto a baixo.»

Eis o que nos diz o evangelista na sua simplicidade inimitavel. Rasgou-se o véo do templo, rasgou-se o véo da terra; os anjos desciam e subiam, e era a sombra das suas azas que se estampava sobre o universo. De um a outro cabo agitavam-se os montes em convulsões tremendas, os mortos precipitavam-se dos tumulos, e os povos, como o centurião, ajoelhavam contritos.

Rompia o dia novo, o dia da fraternidade e do amor; as harpas dependuradas nos salgueiros estremeciam ao rumor das auras, e do calice das flores orvalhadas transpiravam uns aromas de primavera. O estilete dos annalistas trocára-se pela penna de cysne dos apostolos; a purpura manchada em Caprêa não seria mais a cobertura dos homens. Os escravos desarrochavam as cadeias, os pequenos sentiam-se irmãos dos poderosos, a mulher conquistava o seu logar de esposa e de mãe, a liberdade adejava como um seraphim sobre essas ruinas do sensualismo pagão e da heroicidade brutal. Extinguíra-se o pária e o sudra, o parthenio e o hieródulo; arrasára-se o monte Taygeto, destruíra-se a Cryptia, entaipára-se a cova do faquir; do alto d'esse lenho sagrado decretára-se a lei de todos os tempos e de todos os povos.

Prostremo-nos diante do lábaro eterno; as revoluções, desencadeadas como o Oceano, tem ido mais de uma vez rugir e espumar em torno d'elle; os homens, no seu revolutear infatigavel, tem procurado abalar o alamo da montanha, e elle a deixar cair sempre as perolas do ceo que se lhe baloiçam nas ramas. É hoje, que a egreja commemora o trespasso do Homem-Deus, que os altares se cobrem de lucto, que um recolhimento sagrado nos absorve, é hoje que devemos repetir aquelles versos cheios de uncção, inspirados a um dos mais peregrinos poetas da Italia, a Manzoni:

> «O tementi dell'ira ventura,
> Cheti e gravi oggi al tempio moviamo,
> Come gente che pensi a sventura,
> Che improvviso s'intese annunziar.
> Non s'aspetti di squilla il richiamo;
> Nol concede il mestissimo rito;
> Qual di donna che piange il marito,
> E' la vesta del vedovo altar.»

Bemdigamos todos, desde o poeta que se libra nas alturas até ao que se arrasta pelas brenhas da ignorancia, desde o que caminha entre rosas até ao que fere os pés nos espinhos, desde o que sae do berço até ao que se abeira do tumulo, bemdigamos todos essa cruz, que fez da humanidade uma familia, da caridade um dever, do amor uma virtude.

Que importam os desvarios dos incredulos, a obstinação dos cegos, a hesitação dos tibios? A cruz permanece eterna. Foi d'ahi que saiu a verdade, a esperança, a justiça, o espiritualismo na arte, a crença que ampara, a fé que robustece, a palavra de consolação que inebria; foi d'ahi que a pomba soltou o vôo, trazendo no bico o ramo de oliveira, symbolo de paz na terra, de misericordia no ceo.

É esta a significação da cruz, este o alcance d'essa Paixão augusta. *Christus nos liberavit!* Christo nos libertou. Quando d'aquella fronte inclinada para os homens estillou com o suor da angustia a ultima baga de sangue, estava assellado o pacto da redempção e da liberdade. Os braços abertos chamavam os homens ao amplexo da reconciliação; o pelicano alargava as azas sem mácula e mostrava aos filhos o peito rasgado, d'onde manavam as enchentes de graça que haviam de saciar os famintos de tantos seculos.

Oiçamos ainda o evangelista:

«Passadas estas coisas rogou a Pilatos Joseph de Arimathea (que era discipulo de Jesus, porém occulto por medo dos judeus) que lhe permittisse tirar o corpo de Jesus; o que Pilatos lhe concedeu. Então veiu e tirou o corpo.

«Veiu tambem Nicodemus, trazendo um composto de myrrha e de aloes, como quasi cem arrateis.

«Tomaram pois o corpo de Jesus, e envolveram-n'o em lençoes com as especiarias, como é costume dos judeus sepultar.

«E havia uma horta n'aquelle logar, onde fôra crucificado; e na horta um sepulchro novo, em que ainda ninguem havia sido posto.

«Ahi pois (por causa da vespera da paschoa dos judeus, e porque aquelle sepulchro estava perto), pozeram a Jesus.»

Estavam realisadas as prophecias; o anjo do Eterno veiu levantar essa pedra, e o Filho do homem subiu a Deus.

A cruz anteparava o passado; os apostolos dispersavam-se prégando a boa-nova; o christianismo alongava-se pelo mundo fóra, ensinando a lei do amor. Os leões do circo, as torturas, as perseguições, são inuteis; os martyres centuplicam-se, a toga azul do martyrio é para cada uma das virgens como que um vestido de noivado, o banquete dos Trimalciões transforma-se no repasto livre dos confessores. A lucta é medonha. Está de um lado a velha theocracia, com todo o seu cortejo de abominações e de torpezas; do outro o christianismo com a sua auréola de piedade; a lei do amor triumpha, os deuses vão-se, os oracu-

los emmudecem, os sacrificios terminam, as saturnaes acabam-se. Bemaventurados os que choram, bemaventurados os tristes, porque elles serão consolados! As lagrimas são um orvalho, a dor sanctifica, o arrependimento salva, o coração do homem abre as azas e eleva-se até ao throno de Deus.

Adoremos esta religião sublime, esta moral affectuosa; prostremo-nos mais uma vez ainda diante d'este lábaro eterno. *Christus nos liberavit;* esta liberdade é feita de caridade e de amor. Quando a intolerancia contumaz, quando o cego fanatismo fizer redemoinhar em torno d'esse madeiro sacrosanto o fumo dos supplicios e das blasphemias, deixemol-o esvaecer-se a um sopro de Deus, e digamos depois com o poeta:

«Ah! nous aurons du moins, comme cette humble femme
Qui, des pleurs dans les yeux et la pitié dans l'âme,
Repandit ses parfums sur tes pieds défaillans,
Nous aurons, ò mon Christ, versé des larmes pures
Sur tes pieds qu'on outrage, et baisé tes blessures
Que l'on rouvre après deux mille ans!»

Que estas palavras sejam para todos a protestação da nossa fé, o nosso credo immutavel. Acima d'essa constellação brilhante e sagrada dos civilisadores e dos apostolos levantemos sempre o nome de Christo; acima de todos os emblemas da redempção humana levantemos a cruz!

E. A. VIDAL.

O BERÇO DE MALDIÇÃO

(Vid. pag. 4)

Entre as lagrimas dos ouvintes se concluiu a leitura. Depois succedeu-lhe um funebre silencio. Quebrou-o, afinal, D. Constantino de Bragança, dizendo ao poeta:

— Á fé, sr. Antonio Ferreira, que não julguei ter ainda lagrimas para deplorar a catastrophe que lamentaes em tão sentidos versos. Mas a vossa musa possue de certo a vara de Moysés, arrancaria lagrimas ao mais selvatico rochedo.

Todos os fidalgos então, como se esperassem só este signal, principiaram a encarecer o merecimento da elegia, tributando grandes louvores ao poeta, e pondo-o acima de Ariosto, cuja grande reputação principiava a espalhar-se pela Europa.

Antonio Ferreira ouviu e agradeceu os elogios que lhe faziam, e, depois de ter respirado por alguns instantes o doce aroma do incenso que lhe queimavam, esquivou-se da roda, e, tomando o braço a um fidalgo, moço ainda, que se conservára silencioso, afastou-se com elle, dizendo:

— Pouco me lisongeiam gabos cortezãos; prefiro aos louvores do Palatino a rigorosa e discreta apreciação de Tibur. Dizei-me com a vossa habitual sinceridade, Antonio de Castilho [1], o que pensastes da minha modesta elegia?

— Que quereis que vos diga, Antonio Ferreira, que já vos não dissessem, mil vezes mais eloquentemente do que eu o poderia fazer, as lagrimas dos que vol-a ouviram, e a commoção de que eu proprio me sinto possuido? Quando o vate isto consegue, que outras coroas deseja? As lagrimas que fazem derramar são as perolas do diadema dos poetas. Eu, por mim, tenho como garantia mais segura da belleza do sexto canto da *Eneida* o desmaio da esposa de Augusto ao ouvir o *Tu Marcellus eris*, do que os louvores mais subidos que o Venusino lhe podesse prodigalisar.

— Razão tendes, sr. Antonio de Castilho, disse por detraz d'elle uma voz de timbre harmonioso; feliz o poeta que soube encontrar na sonorosa lyra a corda cuja vibração foi acordar mil echos n'um coração de mãe; feliz porque, se encontrou a chave d'esse recondito mundo, possue um thesouro de poesia, uma fonte inexhaurivel de affectos e ternuras.

Os dois poetas voltaram-se e deram de rosto com uma formosa senhora de trinta annos, cujo semblante assombravam uns leves toques de melancolia. Acompanhavam-n'a tres damas, que se tornavam notaveis pela gravidade do seu porte, e pela viva intelligencia que lhes scintillava nos olhos.

— Ouvia-nos vossa alteza? acudiu Antonio de Castilho, curvando-se, do mesmo modo que Antonio Ferreira, para beijar a mão, que ella lhes estendeu com affabilidade.

— Só as vossas ultimas palavras ouvi, Antonio de Castilho, continuou a infanta D. Maria, que era ella a que interpellára o futuro chronista-mór, e com as idéas que exprimiam sympathisei, porque me avivaram a memoria de minha mãe, cujo coração nunca deixa de ser lacerado pelas saudades que de mim conserva. Formoso assumpto será este para os poetas do porvir, sr. Antonio Ferreira! Uma tão poderosa rainha, como é minha senhora mãe, que, vivendo na tão celebrada corte de Paris, sempre alheia a festas e folgares, que por lá como por cá abundam, só pensa na pobre filha que os destinos não consentem que junto d'ella esteja! Que singela poesia não rescende aquelle coração maternal, em que só habita a imagem de quem tantos extremos lhe não merece! E a sorte impiedosa sempre a oppor-se a que esta alegria lhe seja concedida para consolo das suas longas amarguras!

E suspirou. Os dois amigos respeitaram com o silencio aquelle sentimento tão profundo da filha de D. Leonor, esposa que fôra de D. Manuel de Portugal, e de Francisco I da França. Um destino fatal perseguia a infanta portugueza, matando os esposos que lhe eram destinados, e impedindo os casamentos que poderiam contribuir para a realisação do sonho doirado que as duas pobres princezas em vão tentaram realisar durante a vida toda da infeliz D. Leonor.

— Em fim, continuou a erudita infanta, não fallemos em tristezas, que bem bastam as que vão por estes paços. Dizei-me, Antonio Ferreira, que novas me daes do vosso amigo Francisco de Sá de Miranda?

— Tranquillo vive, senhora, na sua quinta da Tapada, com D. Briolanja de Azevedo, sua esposa, cuja saude, me envia elle dizer, lhe dá serios cuidados. Monteia, lê e escreve, longe do bulicio da corte, á sombra dos seus arvoredos, n'aquelle bucolico remanso, que sempre cubiçou, e que prefere, como o seu e meu mestre Horacio, ás pompas palacianas. Grandes tristezas terá elle agora curtido ao saber o infausto successo que enluctou o reino, e que a elle mais que a ninguem devia ferir, porque o chorado principe o sr. D. João o honrava com muito particular estima.

— E razão tinha, porque Francisco de Sá de Miranda é homem de raro talento e de rara inteireza, o que mais vale,

«Homem d'um só parecer,
D'um só rosto, uma só fé.

Palavras são d'elle mesmo, e formosos versos tambem. Grande poeta, o maior talvez de Portugal.

Abespinhou-se um pouco a vaidade de Antonio Ferreira ao ouvir o elogio feito ao amigo, e não se pôde ter que não dissesse:

— Certo, senhora, que o sería se mais culto quizesse ser, se melhor pautasse os seus versos pelos modelos da antiguidade, que, em quanto a mim, os

[1] Ha aqui um anachronismo de que me não fica remorso, porque a liberdade do romance, e principalmente da lenda, não precisa de ser agrilhoada nimiamente pelas correntes da chronologia. Em 1554 ainda Antonio de Castilho, que foi depois chronista-mór del-rei D. Sebastião, andava cursando os estudos preparatorios. Desculpem-me os leitores o ter accrescentado alguns annos ao homem a quem Antonio Ferreira chamava

Castilho dos meus versos douta lima.

rifões plebeus com que matiza as suas sentenças, e os termos vulgares a que dá franca entrada nos seus versos, máculas são que a posteridade lhe não ha de perdoar.

— A mácula que a posteridade não ha de perdoar ao nosso tempo, sr. Antonio Ferreira, interrompeu em tom de colera reprimida e erguendo altivamente a cabeça uma das damas que acompanhavam a princeza, é o ter renegado o genio e as tradições nacionaes, para se ir curvar humildemente perante os modelos estrangeiros. Rifões e plebeismos! Temeis que maculem a alvura da tunica romana da vossa musa as singelas expressões da poesia popular? Tempo houve em que tinham franca entrada n'estes paços, em que o senhor rei folgava de ouvir as jocosidades da veia maliciosa e portugueza de meu bom pae. Hoje principiâmos a ter poesia cortezã, que desdenha o que vê em torno de si para ir copiar friamente o que outros povos sentiram, o que outros povos cantaram. Esta formosa arvore que meu pae plantou, e que tão ufana viçava e crescia á luz d'este nosso tão claro sol, ao sôpro das nossas glorias, das nossas paixões, dos nossos sentimentos, vejo-a defecar-se e mirrar-se com o desastrado enxerto que lhe estão fazendo. Caminho errado seguis, sr. Antonio Ferreira, porque o vosso genio para muito podia ser.

— Senhora minha... acudiu Antonio Ferreira confuso; senhora minha... vêde o esplendor que as letras italianas tomam da imitação dos velhos primores da antiga Roma; muito mais vale o bom e discreto imitador do que o rude e descultivado engenho. Vosso pae, se mais alguns annos de vida Deus lhe concedêra, isto mesmo que eu digo vos diria.

— Com Paula Vicente vos deixo pelejando, Antonio Ferreira, interrompeu a infanta, corregei bem as vossas armas, que tendes esforçada competidora. Vou-me a saber novas da minha senhora prima. Em tendo ganho a victoria, continuou ella sorrindo-se, ou em vendo imminente a derrota, vinde ter commigo, Paula.

E saíu, correspondendo affavelmente ás profundas cortezias dos dois poetas.

— Meu pae, continuou a filha de Gil Vicente, se hoje ainda vivêra, muito vos ajudaria, sr. Antonio Ferreira, no vosso trabalho de polir e aperfeiçoar a lingua, e, como vós, quereria tambem que o portuguez idioma fosse a toda a parte senhor de si e altivo, mas o genio nacional não cuideis que elle o sacrificasse. Aperfeiçoaria o instrumento, conservaria intacta a inspiração. Ah! continuou ella exaltada, tão mesquinhos somos que os nossos vultos só se possam reproduzir no espelho dramatico, alteados pelo cothurno grego? Sei que é esse o vosso pensar, sr. Antonio Ferreira, e que meditaes uma tragedia que offuscará os autos tão plebeus do pobre Gil Vicente. Venha embora, e suma no esquecimento o jogral que teve a louca idéa de nutrir a sua *musa pedestris*, accrescentou sorrindo, com o leite que jorrava do seio robusto da mãe do Gama, de Albuquerque e de Pacheco. Mas quando a patria jazer espesinhada por estranhos, decaída a sua grandeza, olvidada a sua gloria, rotos os seus pendões, desmoronados os seus castellos, partido o seu broquel, escalavrada a sua lança, nem uma voz soará no mundo que seja echo das grandezas de hoje, não haverá nem uma flor de poesia nativa, cujo aroma forte e ardente ensine á posteridade quão rico era o torrão que produziu, como essas flores e fructos, que de Santa Cruz recebemos, nos denunciam pela sua ardente fragrancia a prodigiosa riqueza do solo que as gerou! Os vossos balsamos estrangeiros farão o cadaver d'esta grande nação similhante a uma d'essas mumias rachiticas que emparedadas jazem nas vastas pyramides da terra dos Pharaós. Guapa memoria deixaes de nós, sr. Antonio Ferreira!

— Senhora minha, acudiu o poeta-doutor, que agoirenta estaes hoje! Deus afaste da Lusitania os males que prevêdes!

— Deus os afaste, repetiu Paula Vicente com voz triste.

Depois ergueu os olhos, e, relanceando-os para a porta de entrada, viu levantar-se o reposteiro de veludo vermelho e entrarem dois homens, a cujo aspecto cessaram as conversações, e perante o mais velho dos quaes todos se curvaram com respeito.

Os dois atravessaram silenciosamente a sala, e dirigiram-se, pela porta fronteira áquella por onde haviam entrado, aos aposentos da princeza.

— Vêde, exclamou Paula Vicente puxando Antonio Ferreira para o vão de uma janella e apontando para os dois homens que atravessavam vagarosamente a sala, os corvos presentem já o cadaver! Ó patria, ó patria querida! nem terás a sorte de Sião. Ahi tendes bem claro o futuro de Portugal. Reduzil-o-hão elles a captiveiro infame, e vós e os vossos, sr. Antonio Ferreira, abafar-lhe-heis na garganta a voz dos Jeremias!

E, deixando ficar estupefacto o pobre desembargador, saíu precipitadamente. Os dois vultos sinistros continuavam a atravessar vagarosamente a sala.

Subito ergueu-se o reposteiro da porta dos aposentos da princeza, e surgiu o rosto alegre de um pagem, que disse esquivando-se logo:

— Alviçaras, meus senhores! Temos um principe real.

— Um principe! repetiram todos com alegria.

Os dois vultos sombrios pararam e entreolharam-se. No rosto impassivel do menos edoso não se conheceu a minima commoção; mas nos olhos do outro fulgurou uma sinistra chamma, e as suas faces tingiram-se de torva pallidez.

Este ultimo era o cardeal D. Henrique, irmão del-rei e inquisidor-mór, o outro era Simão Rodrigues de Azevedo, reitor do primeiro collegio que os jesuitas tiveram em Portugal.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

O SENTIMENTO DO BELLO

Entre as mais admiraveis faculdades do homem descobrimos o sentimento ou a percepção do bello. O germen acha-se em todos, e não ha faculdade que seja mais susceptivel de cultura; são infinitos os recursos que este sentimento encontra no universo. Só ha, por certo, pequena parte da creação que podêmos transformar em alimento, em vestidos ou em satisfações do corpo; mas a creação inteira póde servir para o sentimento do bello.

A belleza existe em toda a parte. Manifesta-se nas innumeras flores da primavera; ondula nos ramos das arvores e na relva dos prados; habita nos abysmos da terra e do mar; e brilha nas côres da concha e da pedra preciosa. E não só estes insignificantes objectos, mas o oceano, as montanhas, as nuvens, os ceos, as estrellas, o sol quando nasce e o sol quando chega ao occaso, tudo encerra belleza. O universo é o seu templo; e os homens, que a sentem vivamente, não podem erguer os olhos sem que ella os rodeie por todos os lados.

Ora a belleza é tão preciosa, os gozos que procura são tão delicados e puros, e por tal modo em relação com os nossos sentimentos mais ternos e nobres, tão proximo da adoração de Deus, que é penoso pensar na multidão de homens que vivem no mundo em cegueira, como se, em vez de possuirem esta bella terra e este glorioso firmamento, habitassem em um carcere. Uma alegria infinita se perde para o mundo, porque não se cultiva o sentimento do bello.

O BISPO DE COIMBRA D. JORGE DE ALMEIDA

E AS OBRAS QUE MANDOU FAZER NA SÉ VELHA DA MESMA CIDADE

I

D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes [1], e irmão do grande vice-rei da India D. Francisco de Almeida [2], contava apenas 23 annos de edade quando cingiu a mitra conimbricense.

Foi o 38.° dos bispos que tem regido a diocese de Coimbra depois que D. Fernando Magno conquistou aos moiros esta cidade [3], e o segundo conde de Arganil, dignidade que el-rei D. Affonso v havia concedido a D. João Galvão e seus successores no bispado, pelos assignalados serviços que lhe prestára na tomada de Arzila e Tanger [1].

No conclave que em seu tempo se celebrou em Roma teve D. Jorge de Almeida muitos votos para supremo pastor [2].

Foi um dos prelados que o summo pontifice Paulo III nomeou inquisidores-móres d'este reino pela bulla de 23 de maio de 1536, *Venerabilibus fratribus Collimbriensi, et Lamecenci, ac Ceptensi Episcopis* [3].

Acompanhou el-rei D. João II quando foi com o principe D. Affonso a Estremoz no anno de 1490 a buscar a princeza D. Isabel, e esteve junto d'este monarcha na occasião da sua morte [4].

No anno de 1512 baptisou em Lisboa o infante D. Henrique, que depois foi cardeal e rei [5].

Falleceu D. Jorge de Almeida no dia 25 de julho de 1543 com 85 annos de edade, havendo governado



Pia baptismal da sé de Coimbra

a sua diocese pelo dilatado espaço de 62. Jaz na capella de S. Pedro da sé velha [4] sob uma campa de marmore, na qual está gravado este epitaphio:

DIVINI. NVMINIS
PIETATE. EPISCOPVS
COMES. GEORGIVS
DALMEIDA. HIC SITVS
VIXIT. ANNIS. LXXXV
OBIIT. VIII. KL. SEXTILES.
ANN. D. M. D. XXXXIII
ANIS. LXII VTRAQZ
DIGNITATE. PRÆDITVS.

Na mesma lapida está esculpido o brazão do illustre bispo, que consta de escudo esquartelado: no primeiro e quarto campo, de vermelho, tres besantes de oiro entre uma dobre-cruz e bordadura do mesmo; segundo e terceiro campo de prata, leão de purpura; e é rematado pelo chapeo prelaticio.

II

O bispo D. Jorge de Almeida tomou singularmente a peito ornar a sua sé, e foi por isso que mandou pôr no arco cruzeiro esta legenda: *Domine, dilexi decorem domus tuæ* [6]. As obras sumptuosas com que ennobreceu a cathedral constituem uma parte muito importante das notabilidades d'este famoso monumento.

Os dois porticos lateraes, em cujos lavores o auctor das *Bellezas de Coimbra* [7] notou o gosto dos architectos godos pelas miudezas e ornatos exquisitos, mas que á primeira vista se conhece haverem sido lavra-

[1] Vid. o *Agiologio Lusitano*, tomo IV, commentario ao dia 25.° de julho, letra C.

[2] D'este celebre heroe trata o sr. Pinheiro Chagas no n.° 15 e mais do vol. IX do *Archivo*.

[3] Esta conta é feita segundo o catalogo dos bispos de Coimbra, publicado pelo sr. M. R. de Vasconcellos no vol. VIII do *Instituto*.

[4] «O cabido lhe manda todos os dias dizer uma missa, para o que deixou vinte mil réis de juro, e tres mil réis, para todos os sabbados se cantar uma missa, em obsequio de Nossa Senhora, e é bem para admirar o que então bastava para similhantes encargos, pois manda que a quem cantar a missa se dará um vintem, e dois se repartirão pelos beneficiados que assistirem. Do valor do dinheiro se vê a abundancia do tempo, e a estimação que então tinha; o que hoje não é capaz de um bispo dar a um mendigo, era bastante para encargos perpetuos.»—*Agiologio Lusitano*, logar citado.

[1] «Na jornada de Africa, de 1471, acompanhou D. João a el-rei D. Affonso com a pessoa, e ajudou-o com fazenda: foram fructos d'esta campanha as prezas de Arzila e Tanger, em que o bispo se mostrou tão pontifice como soldado, e el-rei, por lhe agradecer estas finezas, aos 25 de setembro de 1472, lhe deu para elle e seus successores o senhorio e titulo de *conde de Arganil*.»—Fonseca, *Evora Gloriosa*, n.° 582.

[2] *Agiologio Lusitano*, logar citado.

[3] Catalogo dos inquisidores de Coimbra, na *Collecção de documentos é memorias da academia real de historia*, do anno de 1723.

[4] *Chronica de D. João* II, por André de Rezende.

[5] *Europa Portugueza*, por Faria.

[6] *Historia breve de Coimbra*, por Botelho.

[7] Cap. XX, pag. 129.

dos em tempo muito posterior, foram mandados construir pelo bispo D. Jorge. Fel-os o grande architecto João de Castilho, que tão celebre se tornou pelo esmero e bom gosto das suas construcções. Assim o affirma o sr. Francisco Adolpho Varnhagen, que, fallando d'este artista insigne, diz o seguinte: «Tambem esteve em Coimbra, pois sem dúvida do seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra de Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio [1].»

Foi o bispo D. Jorge quem mandou revestir parte do templo dos bellissimos azulejos que se julgam fabricados em Flandres, e que pelo seu bom effeito tão apreciados tem sido [2].

O retabulo de pedra da capella de S. Pedro, obra de grande delicadeza e primor, e porventura do mesmo escopro que lavrou os porticos lateraes do templo, foi mandado fazer por D. Jorge de Almeida.

É devido tambem a este illustre bispo o famoso retabulo de talha da capella-mór, trabalho delicadissimo e que por sua sublimidade tem sido celebrado por graves escriptores. Gasco diz ser este retabulo o mais curioso e subtil que se sabe haver em Hespanha [3]; o conde de Raczynski o considera do mais puro estilo gothico [4]; Garrett disse que é o mais fino, perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tem noticia e talvez que exista [5]; o sr. Vilhena Barbosa classifica-o entre as obras que revelam a um tempo na prodigiosa variedade de desenhos uma imaginação viva e fecunda, na perfeição do trabalho aquelle estudo e esmero que só podem nascer do amor pela arte, e, finalmente, na concepção de tantos primores esse gosto apurado que caracterisa em qualquer nação a florescencia das artes [6].

Finalmente, deve-se ao mesmo insigne prelado a pia baptismal representada na gravura junta, peça assaz notavel e de grande merecimento, não só pelo gosto e elegancia do desenho, mas tambem pelo primor e mimo da esculptura. A gravura que a representa, executada segundo um desenho original com que brindou o *Archivo* o sr. Joaquim de Mariz Junior, dispensa uma descripção minuciosa d'este bellissimo baptisterio.

É a boca da pia de figura octogona. No cimo da face vertical estão alternadamente esculpidos brazões do bispo D. Jorge e tenros infantes tangendo instrumentos musicos, por detraz dos quaes está lançada uma fita em que se vêem estes disticos de caracteres gothicos excellentemente gravados: *Omnes sitientes venite ad aquas. Nequid nimis* [7].

Por baixo de um dos brazões vê-se esta inscripção, de letras gothicas tambem, que nos indica os artistas que executaram este tão bello trabalho:

P. Ariqez e seu irmão a fez.

A pia de que fallâmos estava antigamente na sé velha, hoje, porém, encontra-se em a nova cathedral, a magnifica egreja dos jesuitas.

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

1 *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem.*

2 «M. W. H. Harrisson dit que son revêtement de tuiles èmaillées (*azulejos*), qu'il croit fabriquées en Flandre, fait un curieux effet.—*Portugal*, por M. Ferdinand Dinis, pag. 388.

3 *Conquista, antiguidade e nobreza... de Coimbra*, cap. XXII.

4 *Les arts en Portugal*, pag. 468.

5 *Obras, Lyrica*, tomo XVI da 3.ª edição, pag. 22.

6 *Panorama* de 1855, pag. 386.

7 Esta mesma legenda *Nequid nimis* acha-se repetida nos quatro lados de uma tarja de angulos rectos que orla o brazão de D. Jorge de Almeida na frente das *Constituições* que este prelado mandou imprimir, e tem por titulo: *Constituyções do bpdo de Coimbra feytas pollo muyto reverendo e magnifico senhor, o señor dom Jorge dalmeyda bpo de Coimbra Conde Darganil etc.* Esta obra é hoje rarissima, e considerada um paleotypo de grande valor, pois foi impressa no anno de 1521. Ha um exemplar d'ella na bibliotheca da universidade.

A REVISTA NOCTURNA

(Conclusão. Vid. pag. 6)

Quando Barthélemy, depois de escrever, de collaboração com Méry, o seu poema heroico intitulado *Napoléon en Égypte*, tratou de entregar, como piedosa offrenda, nas mãos do duque Reichstadt e rei de Roma um exemplar, encaminhou-se a Vienna, e pediu incessantemente ao ministro Dietrichstein o favor de uma entrevista com o filho do grande capitão, que já havia soltado o derradeiro suspiro no rochedo de Santa Helena.

Durante as trabalhosas negociações, que foram completamente infructiferas, foi Barthélemy recebido com muito carinho e amizade nas principaes casas de Vienna. Todos porfiaram em lhe dar agasalho e consolo, como se quizessem compensal-o do mau resultado da sua viagem.

Em um dos primeiros salões de Vienna, Barthélemy travou conhecimento com Sedlitz, então muito estimado pelo seu notavel talento, lhaneza de costumes e affabilidade de palavras.

Sedlitz traduziu em francez a sua celebre ballada, *A Revista nocturna*, que era popular na Allemanha, e offereceu-a ao poeta francez.

Este publicou-a na segunda edição do seu poema, d'onde a traduzi, não como merece, senão como pude, intentando dar o maximo relevo á parte phantastica.

A traducção é litteral e quasi verso a verso. Eil-a:

À meia-noite, da campa
ergue-se e sae o tambor,
descreve o giro nocturno,
rufando com estridor.

Os seus braços descarnados
agita-os em convulsões.
Ora bate em retirada,
ora chama os batalhões.

Ouvindo o rufar longinquo,
que retumba em toda a terra,
surgem phantasmas da cova,
soldados mortos na guerra;

uns, nas planicies do norte,
sósinhos, gélidos, hirtos;
outros, que dormem na Italia,
junto ás raizes dos myrthos;

outros nos paues do Nilo,
ou nos desertos ardentes;
deixam todos o sepulchro,
armados correm, frementes.

À meia-noite, da campa
ergue-se e sae o clarim;
no cavallo monta, e solta
sons estridulos, sem fim.

Nos seus cavallos aereos
vem chegando os cavalleiros,
velhos esquadrões ferozes,
sanguinolentos guerreiros.

Os capacetes encobrem
as caveiras descarnadas;
e os dedos osseos, compridos,
meneiam longas espadas.

À meia-noite, da campa
levanta-se o chefe e sae;
da comitiva seguido,
sósinho na frente vae;

traz chapeo muito pequeno,
não traja ferrea armadura,
tem por arma fragil sabre
que lhe pende da cintura.

A lua lança nos plainos
os seus pallidos clarões.
O chefe passa revista
ás valentes legiões,

que logo apresentam armas,
põe-n'as nos hombros depois;
rufam tambores, desfilam
aquellas sombras de heroes.

Generaes e commandantes
rodeiam o chefe em volta;
então este ao mais visinho
uma só palavra solta;

palavra que corre o mundo,
resôa ao longo do Sena;
o mote dado é a França,
a palavra é Santa Helena.

Tal é a grande revista
que Cesar, defuncto já,
passa nos Campos Elysios
quando meia-noite dá!

Esta ballada é, como diz Barthélemy muito acertadamente, um esboço de um poema phantastico. Mas, apesar d'isso, contém bellezas inexcediveis, pensamentos arrojados. A idéa inicial é grandiosa. A imaginação como que phantasia um grande campo, uma planicie immensa, illuminada pelos raios pallidos da lua, que mais fazem sobresair as sombras cheias de mysterios. Reina um silencio sepulchral. É tudo solidão. A natureza como que está angustiada.

De repente ouve-se o rufar longinquo do tambor, logo depois retine o clarim. Surgem os mortos de toda a parte, como no valle de Josaphat no dia do julgamento final. Ouve-se o tropear dos esquadrões, cujas espadas brilham ao longe. Os cavallos escarvam a terra e galopam de arrancada. Os cavalleiros cobrem as caveiras esbranquiçadas com os elmos luzentes e soltam gargalhadas medonhas. A correria augmenta, até que as filas se formam e a ordem nasce.

A infanteria alinha-se em batalhões, armas ao hombro, bayoneta calada. As brigadas avançam com regularidade, ouve-se o ruido compassado da marcha. Os commandantes galopam na frente das linhas, envoltos nos mantos, que a brisa tufa, e que mal podem abrigar os esqueletos descarnados.

Formado o exercito de phantasmas, desfraldadas as bandeiras, apparece então o imperador, com o chapeo pequeno e a espada ao lado, seguido do seu brilhante estado-maior, composto de reis e principes.

Não se ouve uma só palavra em toda a linha. Cavalleiros e peões conservam-se mudos e immoveis como estatuas de bronze.

Quando passa o imperador apresentam todos as armas, desfilam logo, e por fim esvaecem-se nas sombras d'onde vieram.

Napoleão volta-se para um dos generaes, diz-lhe uma palavra ao ouvido. A palavra passa de boca em boca, e os phantasmas, como se fossem impellidos por uma força extraordinaria, desfeito o encantamento, fogem, fogem, até topar com o sepulchro. Essa palavra é Santa Helena, termo fatal de tantas glorias.

Perante Santa Helena, essa imagem granitica do nada das grandezas humanas, os cortezãos phantasmas desamparam o imperador, que desapparece tambem, pensativo e triste.

É pena que a traducção, tanto franceza, feita pelo proprio auctor, como esta que apresento, não ostente bem todas estas gradações. O pensamento requeria campo mais vasto; os accessorios deviam de ser mais delimitados, sem que por isso se perdesse o vago, esse nevoeiro das lendas phantasticas, que devem primar principalmente pelo precipitado das peripecias.

A. Osorio de Vasconcellos.

TITULOS DE NOBREZA EM PORTUGAL

I

Quando os arabes sujeitaram ao seu dominio a peninsula hispanica, no começo do seculo VIII, depois de destruida a monarchia dos godos, todos os christãos ficaram reduzidos á condição de escravos, e, por conseguinte, egualadas pelo infortunio todas as classes da sociedade.

Perdida a batalha de Cryssus, ou Guadalete, que entregou o paiz á mercê do invasor, o principe D. Pelaio, derradeira vergontea da arvore dos reis godos, refugiou-se, como é sabido, nas asperas serranias das Asturias com as reliquias do exercito christão. Ahi deu começo áquella gloriosa lucta que, engrandecida successivamente pelo valor e esforço dos campeões da cruz, fez do solo da peninsula um vasto campo de batalha durante o correr de quasi sete seculos, ao cabo dos quaes se aluiu o ultimo baluarte do poder musulmano.

Apesar de salvarem a sua independencia e de a saberem sustentar com as armas, graças tambem aos fraguedos da montanha que lhes servia de guarida, aquelles valentes guerreiros viram-se egualados em condições sociaes, como os seus irmãos que viviam em captiveiro. Despojados das suas propriedades e riquezas, que lá ficaram em poder dos inimigos; errando por entre as brenhas da serrania, faltos de agasalho, e muitas vezes do proprio grosseiro alimento; foram nivelados pela miseria e pelas privações, ante as quaes se confundem e acabam as jerarchias. Assim, não havia entre elles outras distincções que não fossem as que resultavam da maior intrepidez do animo, de mais esforço e valor do braço.

Os foragidos da montanha inhospita, sempre coroados pela victoria nas suas continuas correrias contra os oppressores da patria, opulentando-se pouco a pouco com os despojos dos combates, e engrossando de quando em quando com os que vinham juntar-se-lhes, cançados do jugo sarraceno ou desejosos de empunhar as armas pela independencia do seu paiz e pela defensa da sua fé; crescidos em brios e augmentados em numero, fundaram no valle de Covadonga a monarchia das Asturias.

Dilatou-se em breve a nascente monarchia, e os que mais se extremavam no manejo das armas e nas acções de coragem e valor, foram adquirindo e accumulando bens á custa do inimigo commum.

Não tardaram em apparecer novas distincções, designando, não qualidades pessoaes, como até alli, mas circunstancias que se davam nos individuos e que revelavam certa superioridade. Assim começaram a chamar-se *escudeiros* aos que pelejavam com espada e escudo; *cavalleiros* aos que entravam em combate montados em cavallos; e *ricos-homens*, por maior primazia, aos que mais se enriqueciam com os despojos do inimigo. Deve, porém, notar-se que n'esse tempo de grande simplicidade e rudeza de costumes, e de muita penuria na fortuna publica, o uso da espada e do escudo, bem como a posse de um cavallo, era prova de certa abastança, que mais tarde, a seu turno, foi indicio de nobreza de estirpe, pois que os populares

viviam, n'essas eras remotas, em muita pobreza e humildade.

Quando o pequeno reino das Asturias se transformou, pela successão dos triumphos, primeiramente no reino mais vasto de Oviedo, depois na poderosa monarchia de Leão, introduziram-se as primeiras distincções de nobreza na corte, mais policiada, dos soberanos leonezes.

Essa nova gerarchia, composta dos titulos de *ricos-homens*, *infanções* e *vassallos*, passou da corte leoneza e castelhana para a monarchia de D. Affonso Henriques, fundada sobre as ruinas do poder mauritano, que de dia para dia se derrocava.

RICOS-HOMENS

Este nome, que na sua origem, como dissemos, era apenas um vocabulo popular para distinguir os favorecidos da fortuna, aproveitaram-n'o os reis para titulo de nobreza, juntando-lhe, em troca da graça real, varios encargos a bem da communidade dos interesses publicos.

N'esses tempos os exercitos não recebiam paga. Procuravam por suas proprias mãos a recompensa das fadigas e sacrificios a que voluntariamente se sujeitavam, e achavam-n'a no saco dos arrayaes e povoações inimigas. Todavia, o rei era obrigado a sustentar os soldados. E, como esta obrigação se lhe tornasse muitas vezes um onus difficil e penosissimo, lembrou-se de repartir o encargo com os seus guerreiros abastados, aquelles a quem, por essa circunstancia, o povo chamava *ricos-homens*. Cumpria pois a estes, d'est'arte ennobrecidos, sustentar á sua custa um certo numero de soldados com que auxiliassem o exercito real.

Ao titulo honorifico foram annexando os soberanos privilegios, isenções e distinctivos com que mais o realçavam e auctorisavam. Foram confiados aos ricos-homens os primeiros cargos do exercito, e, acima da sua auctoridade, só havia a do soberano.

Consistiam os seus distinctivos em um *pendão* e uma *caldeira*, porque ambas estas coisas elles traziam na guerra; o pendão diante de si, como bandeira, em que pintavam, além de uma caldeira, alguma divisa particular, que os fizesse conhecidos, e em volta do qual se reunissem os guerreiros que conduziam sob as suas ordens; a caldeira na retaguarda, para fazer n'ella a comida para os seus soldados, a quem tinham de alimentar. Por esta razão vieram a denominal-os *ricos-homens de pendão e caldeira*.

Nos conventos de Alcobaça e da Batalha conservaram-se até á extincção das ordens religiosas, em 1834, duas d'estas caldeiras, que haviam sido tomadas aos castelhanos na batalha de Aljubarrota. Era afamado pela sua grandeza o caldeirão que até á referida epocha se guardou no mosteiro de Alcobaça como precioso trophéo d'aquella victoria.

Era permittido aos ricos-homens, quando o reino estava em paz, irem com a sua gente d'armas servir na guerra a qualquer principe estranho. E a tanto chegou o seu prestigio e auctoridade, que se em certos casos voltassem as armas contra o seu proprio monarcha, não incorriam por isso no crime de traição, nem resultava infamia para os seus parentes.

Não eram obrigados ao serviço militar senão quando a pessoa del-rei entrava em campanha. A seu turno, tambem desfructavam diversos privilegios e isenções os individuos dependentes, como vassallos, dos ricos-homens; isto é, os rendeiros d'estes ou aquelles que lhes agricultavam as terras. Esses privilegios e isenções eram, porém, uma necessidade, pois que mal poderiam os ricos-homens desobrigarem-se dos seus compromissos para com o soberano, se as suas terras ficassem de pousio.

Os ricos-homens eram do conselho dos nossos reis, e nenhum negocio se decidia sem ser ouvido o seu parecer. Nas doações régias figurava a sua assignatura depois da dos reis e infantes.

Quando esta dignidade assim começou a subir em consideração e preeminencias, determinou o soberano que a investidura d'ella se fizesse com solemnidade e apparato.

Aquelle a quem o rei queria nobilitar com similhante titulo ia na vespera, segundo os usos de cavallaria, velar as armas em uma capella ou egreja. No dia seguinte encaminhava-se para o paço real acompanhado por um numeroso e luzido sequito. Introduzido na presença do monarcha, assistido da sua corte, ajoelhava diante del-rei, de cujas mãos recebia um pendão com a caldeira pintada, com o qual ficava auctorisado a capitanear gente na guerra, com obrigação de a alimentar, e ao mesmo tempo a desfructar todos os mais privilegios e prerogativas inherentes a tal dignidade.

O mais antigo rico-homem de que falla a historia de Portugal é Egas Moniz, o fiel e dedicado aio de D. Affonso Henriques.

Ás mulheres dos ricos-homens dava-se em Portugal o titulo de *ricas-donas*, e em Hespanha o de *ricas-hembras*, que significa a mesma coisa. Todavia, nem só de seus maridos recebiam as damas este titulo. A algumas foi dado sendo solteiras. A nossa rainha D. Leonor, mulher del-rei D. Duarte, era filha da rainha D. Leonor de Aragão, que ainda depois de cingir a coroa a appellidavam *rica-hembra*. O mesmo titulo deu Henrique II de Castella a sua filha natural, D. Constança, que ao diante casou com o nosso infante D. João, a esse tempo viuvo, e que era filho del-rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. Além d'estes, outros exemplos se encontram na historia, que seria inutil referir.

Não foi logo com a introducção dos novos titulos de nobreza, como presumem alguns auctores, que acabou o de rico-homem; pois que sendo el-rei D. Diniz o primeiro dos nossos soberanos que concedeu a varias pessoas o titulo de *conde*, como havemos de demonstrar em logar proprio, seu filho, el-rei D. Affonso IV, fez rico-homem com a costumada solemnidade a Lopo Fernandes Pacheco, seu compadre, que jaz em um tumulo de pedra, com a sua estatua na tampa, na capella de S. Cosme, na sé de Lisboa, logo á entrada do templo, em a nave do lado do Evangelho.

No reinado de D. Affonso V, em que já havia *condes*, *marquezes* e *duques*, ainda se conservava a dignidade de rico-homem, e este soberano fez d'ella mercê, em 1 de julho de 1451, a Nuno Martins da Silveira, seu escrivão da puridade e coudel-mór do reino. Foi, porém, a ultima vez que se concedeu similhante titulo. Por esta razão póde-se dizer que durou até esta epocha, não obstante achar-se menção d'ella em actos do governo de D. Manuel, como parecendo indicar que ainda n'esse tempo existia alguem que a desfructasse.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa

O QUE ERAM ANTIGAMENTE AS MATAMORRAS

Designavam-se antigamente com este nome os celleiros subterraneos que offereciam o aspecto de cisternas, e tinham tres ou quatro braças de profundidade com largura proporcionada. Os moiros serviam-se d'ellas primitivamente para conservar os cereaes. Quando o trigo, bem joeirado, estava já sêcco, mettiam-n'o na *matamorra* e cobriam-n'o com palha e terra, e assim o conservavam sem alteração durante seis annos e mais. Da palavra arabe *matamorra* é que se originou a palavra *masmorra*, carcere.